

4468

1092

Xavantes aprisionam Santilli

O PRESIDENTE DA FUNAI FOI TOMADO COMO REFÉM POR 15 ÍNDIOS QUE ATACARAM SEU GABINETE

Brasília (AE) - Lideranças Xavante do Mato Grosso mantiveram ontem como reféns, por quase uma hora, o presidente da Funai, Márcio Santilli, e três assessores. Eles foram retirados à força do gabinete da presidência e levados até a garagem do prédio da Fundação. Pintados para a guerra, 15 índios reclamaram da falta de recursos e medicamentos. Segundo Santilli, os líderes resistem à nova política da Funai de romper com o assistencialismo, passando a liberar recursos mediante a apresentação de projetos auto-sustentáveis.

Santilli está certo de que a manifestação foi orquestrada por ex-funcionários da Funai, insatisfeitos com a atual administração. Na semana passada, dois telefonemas anônimos adiantaram o fato. Os índios chegaram por volta das 10 horas, pintados de vermelho e preto e armados com flechas e bordunas. Além do presidente, o vice-presidente, Jorge Pozzobon, o diretor de Assistência, Ariovaldo dos Santos, e o diretor de Patrimônio, Odenir Oliveira, foram carregados, cada um deles por dois índios, até a garagem. Foram 50 minutos de tensão. Pressionado, Santilli chegou a perder a calma. "Eu sei que a vida de vocês é difícil, mas com bagunça não vão conseguir nada", disse ele, marcando uma reunião para hoje cedo.

No encontro, a Funai vai voltar a discutir com as lideranças a necessidade de apresentação de propostas para geração de economia interna nas aldeias. "Queremos romper com o ciclo do assistencialismo, quando os líderes vinham aqui e recebiam dinheiro para as necessidades", explicou Ariovaldo dos Santos. Segundo ele, os índios devem propor, por exemplo, o aumento da produção de milho, para que a Funai apoie a iniciativa. Segundo Santilli, hoje serão avaliados projetos de educação, saúde e agricultura. "O que se espera é que esses projetos elevem a produção e que venham a gerar economia interna, para que eles próprios possam comprar equipamentos, por exemplo".

Santilli também explicará aos índios que a Funai tem feito parcerias com a Central de Medicamentos (Cerne) do Ministério da Saúde e com os Estados e municípios, visando a garantir medicamentos e assistência educacional nas aldeias. A manifestação foi realizada por lideranças dos Xavante em Barra do Garça (MT). Ao todo, oito mil índios se dividem em 80 aldeias em Barra do Garça e Nova Xavantina.



O cacique Xavante discute com Márcio Santilli, da Funai, as reivindicações dos índios do Mato Grosso

KAIAPÓS QUEREM VOLTAR A VENDER MADEIRA E A EXPLORAR GARIMPOS

Redenção (Nilson Santos) - Será hoje a reunião do Conselho dos Caciques kaiapós, na aldeia Pukanu, onde permaneceram como reféns o administrador da Funai de Redenção, João Melo, dois funcionários do órgão, Itamar Diniz, e Marcos Vinicius, além do delegado da Polícia Federal, Iris João. A equipe já está a mais de 24 horas em poder dos kaiapós, embora tenham permissão de circular livremente pela aldeia, sempre vigiados pelos guerreiros. A decisão inicial, permanece: os índios só liberaram os reféns mediante sinal político de Brasília em favor das reivindicações dos indígenas.

O tráfego aéreo no aeroporto de Redenção teve uma segunda-feira agitada. A toda hora aeronaves pousavam e levantavam voo em direção à aldeia Pukanu, centro das atenções, conduzindo grupos de índios para a reunião, convocada há várias semanas. Embora ninguém tenha confirmado oficialmente, os rumores são de que a detenção do dirigente da Funai em uma das aldeias estava delibera-

damente preparada; faltava apenas a isca, armada no domingo quando convocaram o administrador para resolver um problema na "Pukanu". O plano deu certo. Os kaiapós estão reivindicando o imediato afastamento de João Melo da direção da Funai em Redenção, mas querem principalmente que a liminar federal que proíbe, desde 94, a extração do ouro e madeira de áreas Kaiapó, seja revogada. Segundo informou o cacique Pangrá, essa liminar do juiz Sebastião Fagundes de Deus, da 3ª Vara Federal de Brasília, decretou o extermínio da nação Kaiapó. "Antes desse documento nosso povo não dependia do governo", desabafou o jovem cacique, um dos líderes da aldeia Pukatoty. Ele afirmou que a Funai não dá conta de resolver os problemas dos índios e que a situação só pode ser revertida com a liberação dos garimpos e do comércio da madeira de lei. "Não queremos acordo através de documento", disse, ressaltando que até agora o governo só tem mentido, feito promessas, enquanto os kai-

pós estão passando fome e morrendo nas aldeias.

Dado mais esse impasse criado pelos kaiapós, o escritório da Funai amanheceu fechado, e só abre mediante o desenrolar das negociações na aldeia Pukanu. Na porta principal do prédio, apenas uma placa com aviso "fechada por falta de pagamento". A Associação Comercial e Industrial de Redenção acompanha com interesse o desenrolar dos acontecimentos, torcendo pela revogação da liminar. O presidente da entidade, Cícero Martins, tem feito uma série de reuniões, desde a proibição de garimpagem e exploração de madeira nas reservas indígenas, tentando sensibilizar as autoridades para o caos econômico que a medida representou para o sul do Pará. Pelo menos nesse aspecto, os kaiapós estão tendo o apoio de empresários de Redenção e outros municípios. A expectativa fica por conta da reunião dos caciques e guerreiros, hoje, na aldeia Pukanu, a uma hora e meia de voo de Redenção.